

Arquitetura do Medo e a cidade de Pau dos Ferros/RN: Análise do bairro Frei Damião

Ellen Priscila Nunes de Souza/ Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)/
ellen.souza@ufersa.edu.br
Austidio Alves Marinheiro Neto/ Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)/
austidio.neto@alunos.ufersa.edu.br
Cristyelle Ywska Dantas Estrela/ Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)/
ywskaarq@gmail.com
Patricia Lourenço de Bessa/ Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)/
plourendebessa@gmail.com

RESUMO

A violência ganha destaque em manchetes de jornais, de revistas, na TV e nas próprias conversas diárias da população, e é a partir da insegurança no espaço urbano que este estudo tomou forma, analisando desde os conceitos de violência até sua influência na arquitetura. Neste sentido, o objetivo da pesquisa em questão foi realizar uma análise preliminar do Bairro Frei Damião localizado na cidade de Pau dos Ferros/RN acerca da paisagem do medo, uma vez que a violência urbana vem alterando significativamente a arquitetura das cidades como reflexo do temor sofrido por sua população. Partindo desse pressuposto, a metodologia se deu em dois momentos, o primeiro com realização das pesquisas empíricas com levantamento in loco no bairro, na Secretaria de Segurança Pública, fotografias e documentação; seguindo pelo momento de produção, análise e catalogação final da pesquisa dos elementos pontuados e identificados como produção arquitetônica exemplar deste novo modelo. Desta forma, observou-se que apesar de não estar totalmente introduzido no bairro, aquele cenário já não é uma realidade distante na cidade, pois manifesta-se ainda que de maneira discreta, demonstrando a busca por meios de proteção, que visem amortizar as consequências da violência urbana nas edificações.

PALAVRAS-CHAVES: infraestrutura verde; arborização; clima semiárido; praças; paisagem urbana.

ABSTRACT

Violence is highlighted in newspaper and magazine headlines, on TV and in the population's daily conversations, and it is from the insecurity in urban space that this study took shape, analyzing everything from the concepts of violence to its influence on architecture. In this sense, the objective of the research in question was to carry out a preliminary analysis of the Frei Damião neighborhood located in the city of Pau dos Ferros/RN regarding the landscape of fear, since urban violence has been significantly altering the architecture of cities as a reflection of fear. suffered by its population. Based on this assumption, the methodology was carried out in two moments, the first involving empirical research with an on-site survey in the neighborhood, at the Public Security Secretariat, photographs and documentation; followed by the moment of production, analysis and final cataloging of the research of the elements scored and identified as exemplary architectural production of this new model. In this way, it was observed that despite not being fully introduced in the neighborhood, that scenario is no longer a distant reality in the city, as it manifests itself even in a discreet way, demonstrating the search for means of protection, which aim to mitigate the consequences of urban violence in buildings.

KEYWORDS: green infrastructure; afforestation; semi-arid climate; squares; urban landscape.

1 INTRODUÇÃO

É notório que a relação entre o modo de habitar os espaços urbanos no Brasil é regido por diversos fatores econômicos e socioculturais, que englobam diversas problemáticas, que interferem diretamente na composição da malha urbana e nos elementos arquitetônicos das edificações (Soares, 2011). Em destaque para o aumento de violência urbana que aciona como



respaldo o mecanismo de instinto natural do homem na busca por defesa. Fenômeno este que é natural e explícito nos elementos que compõem as fachadas das edificações com um todo, entre eles muros elevados, fachadas cegas, cercas elétricas, concertinas entre outros. Denominado como Arquitetura do medo (Tuan, 2005).

Nesse sentido, a arquitetura é marcada no contexto urbano com a ausência de fachadas ativas devido ao enclausuramento das cidades. Desse modo a perda do contato visual com a rua, traz a ausência da vigilância natural, sendo um condicionante de atenuação da sensação de insegurança da população em transitar por esses espaços. De acordo com Tuan (2005), a criminalidade traz insegurança aos cidadãos ao mesmo tempo em que demonstra como o medo se instaura no cotidiano das cidades ao modificar a urbe e consequentemente a edificação, inserindo novos elementos de proteção tanto pessoal quanto para o patrimônio. Fundamentando assim, as chamadas paisagens do medo.

Frente ao cenário posto acima, esse estudo teve como finalidade analisar como as edificações se adaptaram diante dessa problemática, usando como objeto de estudo o bairro Frei Damião, na cidade de Pau dos Ferros/RN, na região do Alto Oeste Potiguar, levantando dados através da percepção técnica e social. Os estudos desenvolvidos com esse levantamento de dados sobre o bairro em questão vieram acrescentar para a cidade o entendimento da influência da violência urbana nas edificações de parcela do bairro estudado. A arquitetura do medo faz-se necessária para o entendimento da concepção do micro (casa) ao macro (urbano) na atualidade, que tem distorcido o conceito de construção e bem-estar. Desse modo, o estudo intentou entender como os meios de prevenção contra violência afetam as edificações em si e o modo da população vivenciar a cidade, estabelecendo uma relação direta com a violência. Assim, as construções presentes ao decorrer da pesquisa demonstraram formas de enclausuramento nos elementos de proteção que as compõem, por exemplo, as fachadas, muitas com características medievais como muros altos, cercas elétricas, grampos de ferro, cacos de vidro etc. (Souza, 2007).

Os resultados, relevantes para a sociedade atual, mostraram uma discrepância entre o discurso e o que de fato é produzido pela população para usufruto, além de divergências com as funções sociais urbanas estabelecidas pelo Estatuto das Cidades, os ODS da Agenda 2030 e as boas práticas referentes às cidades e comunidades sustentáveis. Assim, os itens abaixo trazem um resumo da pesquisa realizada com uma breve fundamentação teórica, estratégias metodológicas, resultados, discussão, conclusão e referências aqui citadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os precedentes históricos da criminalidade e violência urbana no Brasil tem origem no período colonial (1532-1822), com as demarcações de terras e títulos de posse, consequentemente o surgimento das primeiras cidades na colônia portuguesa. Esse processo de urbanização é marcado por desigualdade social, política e econômica. A exploração e desapropriação dos povos originários através da adoção de um sistema escravocrata são métodos que derivam das práticas do processo de colonização europeia, exercendo um domínio detentor através de um sistema monárquico, estruturado em base de pirâmide (hierarquia de poder onde a figura do Rei está no topo e na base encontra-se a classe de menor prestígio) (Clastres, 1982; Ribeiro, 2023).

Outro marco histórico que corroborou com a violência urbana foi o êxodo rural que teve seu ápice por volta dos anos de 1960 intensificando o inchaço populacional centralizado nos grandes centros urbanos, propagado por incentivos federais através de políticas de desenvolvimento industrial no país promovido por Juscelino Kubitschek (Maricato, 1987). O crescimento



repentino da população e a falta de planejamento urbano trouxe uma série de divergentes tribulações na esfera habitacional, em destaque a marginalização espacial urbana restringindo a população a adotar como moradia os subúrbios e favelas com base a sua capacidade na sua classe social devido a especulação imobiliária nos grandes centros. Essa patologia urbana ainda se faz presente atualmente. De acordo com Costa (2005), a violência sempre esteve presente na matriz da sociedade brasileira e até então não era designado como um problema social, mas a partir do momento em que o estado e o patrimônio material da população sofreram investidas predatórias crescentes é que foi caracterizada como uma adversidade. Desse modo, é possível notar no contexto histórico brasileiro que a preocupação do estado e suas políticas públicas são voltadas à proteção do patrimônio e não à essência da violência ou no impacto psicossocial da população.

Partindo deste cenário, desponta-se a violência urbana, a qual se tornou um fenômeno social de comportamento agressivo e infrator que ocorre nas cidades devido às condições de vida e do convívio no espaço da urbe (Scarlatto e Pontin, 1999). Esta violência surge assim em países com graves problemas sociais, onde há uma ampliação dos conceitos da violência e de sua tipologia, o que faz com que haja uma busca desenfreada pelo desenvolvimento e utilização de dispositivos e técnicas com a finalidade de assegurar a integridade da pessoa e da propriedade (Cruz, 2002).

Além do mais, a infraestrutura urbana também deve ser considerada quando se fala de violência urbana e arquitetura do medo. Suas relações são multifacetadas e podem criar condições propícias tanto para o surgimento quanto para a perpetuação da violência na urbe, por exemplo, com uma infraestrutura urbana deficiente, passeios danificados, ruas mal iluminadas e arborização inadequada (ITDP, 2018). Acarreta-se, desta forma, numa segregação espacial e socioeconômica, onde são gerados bolsões de pobreza, muitas vezes associados a altos índices de criminalidade. Observa-se a necessidade de investimento em infraestrutura urbana adequada, a qual auxilie a promover acesso equitativo, inclusão social e segurança, visando mitigar as condições que estimulam a violência urbana ao mesmo tempo em que promova cidades mais sustentáveis e seguras (ONU, 2023).

Surge deste modo a arquitetura do medo, cuja alteração da forma das habitações e da própria cidade, enclausura a população, individualizando-a, e deturpando a ideia de “cidadania”, o que faz com que o espaço urbano perca sua função social (Buoro et al, 1999). As formas mais comuns que fazem com quem a arquitetura do medo se destaque são, dentre outros: arame farpado; cerca elétrica; fossos; grade xadrez; infravermelho; lanças horizontais; muros altos; paisagem agressiva; sacadas estratégicas; sala de segurança; seteiras; e torres de vigias (figura 1). Observa-se assim semelhança com as defesas medievais (figura 2), mesmo com particularidades técnicas e contextuais, e o compartilhamento de uma preocupação única: a defesa contra ameaças externas (Souza, 2007). Esta defesa refletida nos acima citados busca conceber uma obstrução tanto física quanto psicológica ao tentar proteger espaços privados e/o públicos.

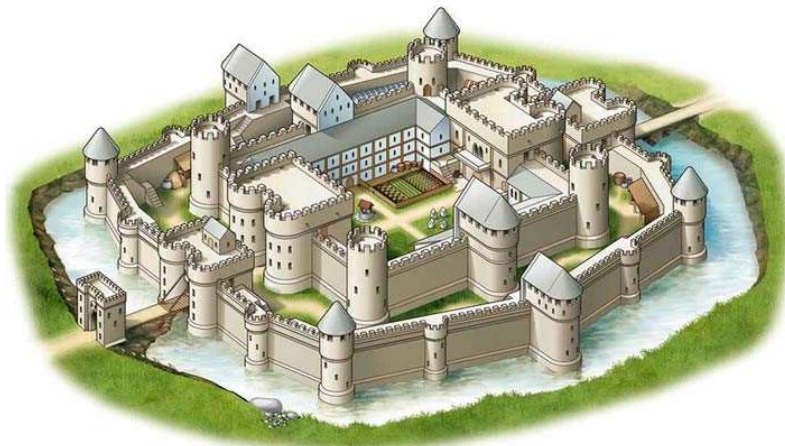


Figura 1. Elementos de proteção comuns nas edificações atuais.



Fonte: Souza, 2007

Figura 2. Elementos de proteção de um castelo medieval europeu.



Fonte: Orense, 2012

Em cidades de pequeno porte, a arquitetura do medo manifesta-se diferentemente de grandes centros urbanos. Embora numa menor escala, ainda são encontrados elementos que reflitam as preocupações com a segurança física e patrimonial, como as exemplificadas anteriormente e que são comuns em comunidades menores. Além disso, a infraestrutura urbana como a iluminação pública pode ser reforçada em áreas com maiores índices de criminalidade visando aumentar a sensação de segurança do local. Ou seja, mesmo em menor escala e com menos recursos, as inquietações com a proteção ainda influenciam como a arquitetura é planejada e executada nos dias atuais e índices de criminalidades recorrentes. As páginas seguintes mostram então como a arquitetura do medo se molda e se demonstra no bairro Frei Damião na cidade de Pau dos Ferros/RN, ilustrando como as edificações se adaptaram diante daquela problemática através da percepção técnica e social.



3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A pesquisa aqui apresentada teve sua metodologia dividida em cinco partes intrínsecas e complementares: i. levantamento *in loco* e aplicação de checklist; ii. levantamento iconográfico; iii. perfilamento e mapeamento do bairro; iv. avaliação estatística; v. avaliação dos dados; e vi. catalogação dos elementos da arquitetura do medo. Demonstrados abaixo.

a. Levantamento *in loco* do bairro Frei Damião: caracterização das configurações das edificações mediante aplicação de checklist desenvolvido para esta pesquisa e dividido em duas partes: a infraestrutura urbana do local e o levantamento acerca das fachadas das edificações. Na primeira parte, sobre infraestrutura urbana, foi averiguada a existência de passeio, seu material e a condição do mesmo, a presença de desníveis, faixa livre e mobiliários urbanos. Nesse viés, ainda na secção da infraestrutura foi verificado se as fachadas eram fisicamente permeáveis e visualmente ativas, se as ruas eram utilizadas tanto no período diurno quanto noturno pela população do bairro, a segurança viária e segurança pública levando em consideração a existência de iluminação e a qualidade da mesma, obstruções que pudessem dificultar o alcance da luz pela rua, presença de lixo pelos passeios e poluição sonora. E na segunda parte, do edifício, foi constatada a tipologia das edificações, se havia a existência de muro, a altura, material, porosidade e a existência de grampos, caso a resposta fosse afirmativa para determinada questão. Ademais, com essa consideração foi possível averiguar a existência de vegetação, cerca elétrica, cachorro para proteção ou empresas de segurança, além dos tipos de esquadrias utilizadas analisando seu material, altura e porosidade, elementos que colaboram com a sensação de medo, também influenciados pela psicologia ambiental, perante uma visão macro e micro da paisagem urbana.

b. Levantamento iconográfico: para ilustração da composição ambiental da praça e suas superfícies foi utilizada câmera de celular S20Ultra da Samsung com lente HDR20+, câmera ultra ampla de 12MP, resolução Quad HD+ (3200 x 1440), ângulos de abertura F 1.8 + F 2 + F 2.2, ângulo máximo de 120°, estabilização ótica (SAMSUNG, 2023). Também se utilizou acoplado ao celular uma lente grande ocular do tipo olho de peixe (*fish eye*), com ângulo de a 10 a 16mm e campo de visão de 198°, da marca Apexel. Foram realizadas 60 tomadas fotográficas entre HDR e HDR com a lente grande ocular.

c. Perfilamento e mapeamento do bairro: visando compreender as relações do entorno do bairro para posterior avaliação, foram realizados os seguintes mapas de aspectos urbanos: uso e ocupação do solo, sistema viário, gabarito, vegetação, e iluminação pública.

d. Avaliação estatística e dos dados: a avaliação estatística usou médias, medianas e percentagens, auxiliando na geração de gráficos e tabelas.

e. Catalogação dos elementos da arquitetura do medo: com a finalização das etapas anteriores, os elementos da arquitetura do medo identificados como muros altos, grades em esquadrias, cacos de vidro, grampos, dentre outros foram catalogados.

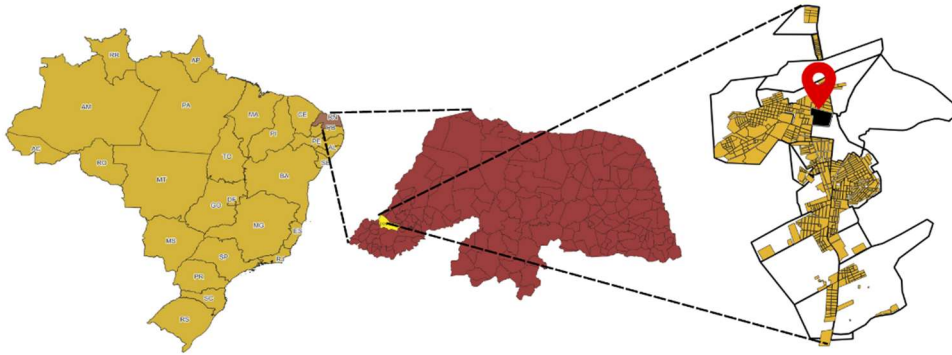
4 RESULTADOS

4.1 Caracterização do bairro

O bairro Frei Damião, localizado na cidade de Pau dos Ferros/RN, possui cerca de 150.000m² de área e está situado limítrofe à Avenida Independência, via arterial e principal avenida da cidade. Faz divisa com os bairros Domingos Gameleira, Paraíso e Centro, tendo ainda seu contorno delineado pelas ruas Joaquim Torquato, Mano Marcelino, Hemetério Fernandes, João Escolástico e Monsenhor Walfredo Gurgel de Queiroz.



Mapa 1. Localização do bairro Frei Damião.



Fonte: Adaptado de banco de dados do Google Maps (2023).

Nesse contexto, ao averiguar a área de estudo é maioritariamente composta por gabarito de um único pavimento e somente em alguns locais específicos apresenta verticalização e embora a maior parte das vias sejam pavimentadas (Mapa 2), outras não possuem calçamento e por serem relativamente acidentadas há a dificuldade de locomoção da população pelo bairro. De acordo com as representações em mapas é perceptível que o bairro ainda se encontra em fase de expansão, uma vez que existe um número considerável de terrenos baldios, gerando a especulação de novas edificações pela região ao decorrer do tempo.

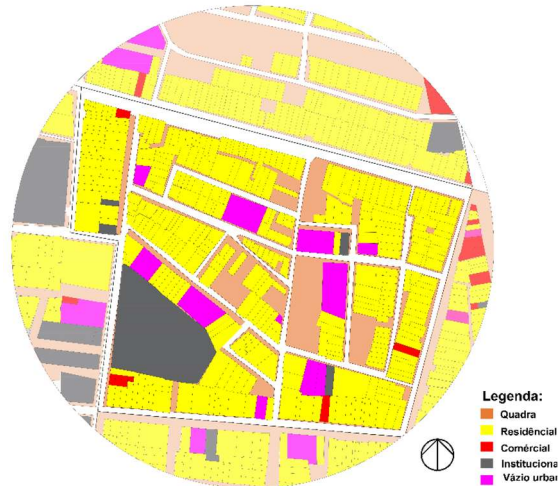
Foram analisadas 320 edificações do bairro e durante a coleta dos dados foi possível averiguar que a área é predominantemente residencial compreendendo cerca de 94,4% do local para moradia. Em relação aos demais tipos de uso, institucional, uso misto e comercial tem-se, respectivamente, os percentuais de 1,6%, 1,9% e 2,2% (Mapa 3 e gráfico 1).

Mapa 2. Gabarito do bairro.



Fonte: Autores (2023)

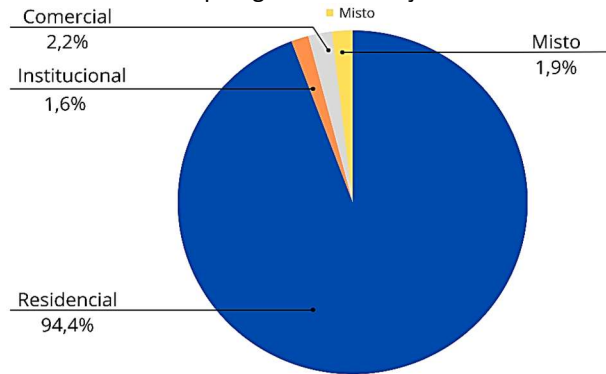
Mapa 3. Uso e ocupação do solo do bairro.



Fonte: Autores (2023)



Gráfico 1. Tipologia das edificações do bairro.

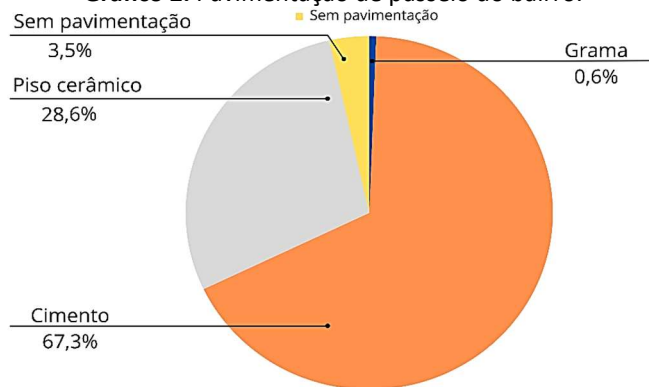


Fonte: Autores (2023)

3.2 Caracterização da infraestrutura urbana

A infraestrutura urbana do bairro não se configura como adequada e suficiente para abarcar todas as parcelas do seu território, uma vez que há a presença de ruas calçadas apenas em alguns trechos do bairro. Dessa forma, foi verificada a questão da pavimentação dos passeios e quais as suas condições (Gráfico 2), constatando-se que a partir dos dados obtidos, apesar de ser um bairro de padrão médio, a maior parte de seus passeios encontra-se cimentado e em boas condições de uso.

Gráfico 2. Pavimentação de passeio do bairro.



Fonte: Autores, 2023

Figura 3. Infraestrutura urbana do bairro.



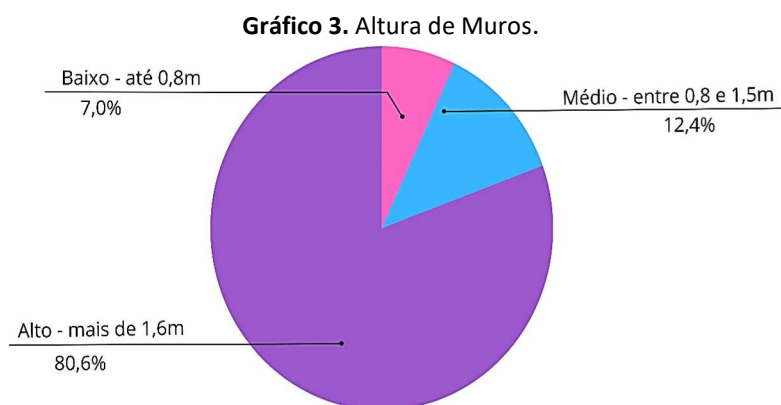
Fonte: Ferreira et al, 2019.

Outro ponto foi a quase inexistência de mobiliários urbanos espalhados pelo bairro, sendo a maioria destes postes e algumas lixeiras, canteiros e bancos em pontos específicos. Analisando o sistema viário do bairro, foi observado que o mesmo é composto por vias locais e há apenas uma via coletora, a Rua Hemetério Fernandes, e apesar de não possuir travessias, a região estudada é próxima a uma travessia de alto tráfego localizada na Avenida 13 de Maio.

Seguindo ainda no aspecto da infraestrutura urbana, observou-se que apesar da existência de iluminação pública, em algumas áreas não há o alcance de luz de forma adequada ou até mesmo de nenhuma forma, sendo estas predominantemente de temperatura de cor amarela principalmente nas regiões mais precárias do bairro. Isto, de acordo com a revisão do estado-da-arte posta anteriormente, instala um sentimento de insegurança na população local, uma vez que a iluminação é inadequada e por ainda haver obstruções em alguns trechos como a arborização que impede a correta disseminação da claridade pela rua.

5 DISCUSSÃO

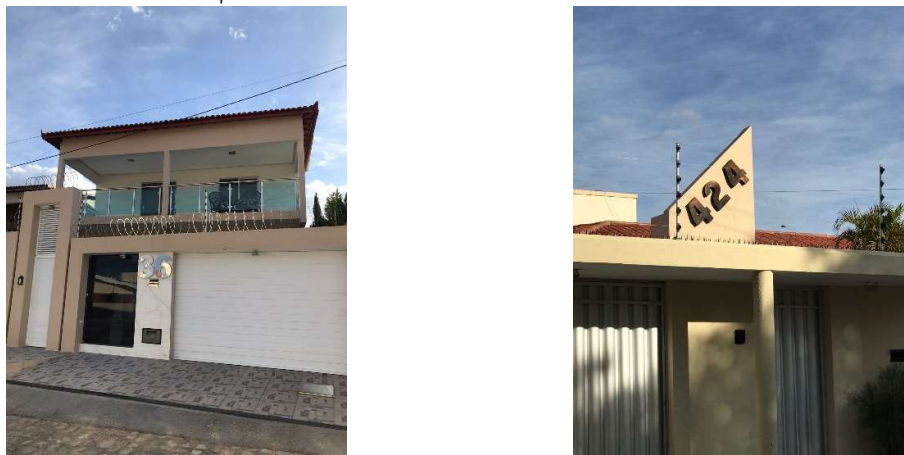
Após caracterização do bairro, observou-se o comportamento das mudanças arquitetônicas do medo nas edificações. O primeiro item avaliou o muro constatando que 39.8% (n=127) são muradas, tendo estes 80.6% (n=102) altura maior que 1,6 m, 12.4% (n=16) com altura entre 0,80 e 1,59m e 7% (n=9) abaixo de 0,89m (Gráfico 3). Destaca-se aqui as 60,2% (n=193) edificações que não possuem muro, o que é um número considerável e positivo para o bairro.



Fonte: Autores, 2023.

Além dos muros altos, outros meios de proteção detectados foram portões e janelas com grades, o que leva a especular que o medo realmente está sendo refletido nas fachadas das residências do local. Os meios convencionais de se proteger como cerca elétrica, câmeras de segurança, cachorro de proteção ou até mesmo empresa de segurança ainda é escasso na área de estudado, mas leva-se em consideração o fato de o bairro ser composto predominantemente por uma população mais humilde.

Figura 4. Arquitetura do medo: a. muro alto, arame farpado e portes de ferro; e b. muro alto, portões fechados de chapas de alumínio e cerca elétrica identificados nas residências.



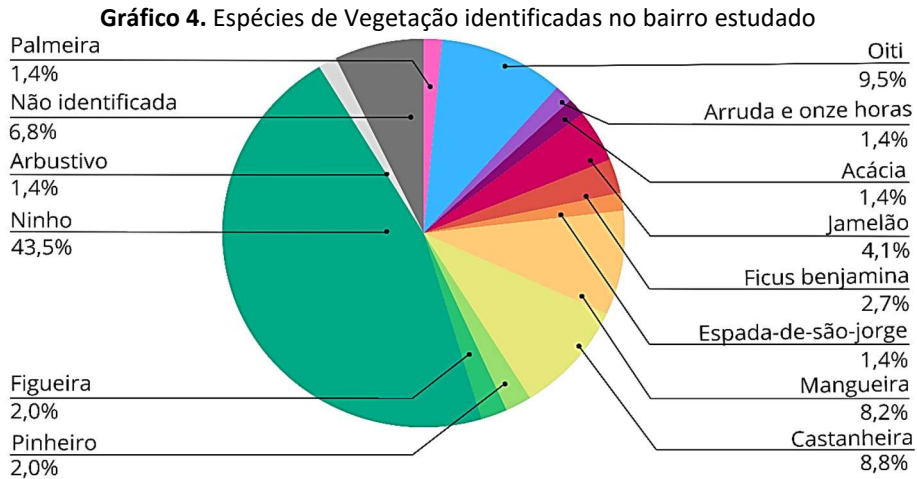
Fonte: Autores, 2023.

Figura 5. Arquitetura do medo: a. testadas como muros; e b. muro alto, portões fechados de chapas de alumínio, cerca elétrica e passeio elevado.



Fonte: Adaptado de Google Street View, 2023.

Por fim, em relação a vegetação, embora não tão presente, em algumas partes do bairro há uma parcela de árvores de grande e pequeno porte. O pé de Ninho ou Nim (*Azadirachta indica*) é o mais comum aparecendo em 43,5% das edificações que possuíam algum tipo de albedo. Em segundo lugar tem-se o oitizeiro com 9,5%, seguido da castanheira com 8,8% e da mangueira com 8,2%. Outras espécies de menor porte são identificadas, mas com características somente ornamentais e não com a finalidade de proteção ou inibição (por exemplo, espécimes com espinhos que coíbem a subida nos muros). Também não foram identificadas espécies que comumente são usadas na arquitetura do medo como a coroa de cristo, por exemplo (Gráfico 4).



Fonte: Autores, 2023.

Figura 6. Pé de Ninho (*Azadirachta indica*)



Fonte: Brasil, 2019.

Diante o exposto, para que a pesquisa tivesse um embasamento adequado de comprobabilidade dos fatos, foram levantados dados por meio da análise de métodos quantitativos, os quais permitiram comprovar que a Arquitetura do Medo ainda não é completamente presente na cidade de Pau dos Ferros/RN, embora haja indícios de que não é uma realidade distante. Além disso, a materialização de todas as teorias supracitadas neste trabalho configura-se na prática in loco adotada, que permite fornecer os aspectos essenciais para solução da problemática em questão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que a violência está em todo lugar e nos últimos tempos vêm se tornando cada vez mais altos os índices de criminalidade pelo mundo. Por um lado, a frequência na qual se vê a utilização de recursos de proteção nas edificações faz perceber que a imagem das cidades atualmente pode ser considerada como reflexos dos antigos tempos, na qual utilizavam-se de recursos como muros altos, por exemplo, para proteger-se dos seus ditos inimigos. Por outro lado, a arquitetura do medo vem ganhando cada vez mais espaço, uma vez que esta cultura vem se disseminando tanto ao longo dos últimos tempos, as fachadas cegas já não se harmonizam com a vizinhança e dão ainda mais margem para a violência urbana, já que as pessoas utilizam cada vez menos a cidade como deveria ser usada, ou seja, uso dos espaços público em sua totalidade.

Com base em tudo que foi exposto no presente artigo, foi possível apontar que apesar de o bairro Frei Damião possuir poucos, mas expressivos espécimes da arquitetura do medo, ele já iniciou sua metamorfose em termos de uso de elementos de proteção na paisagem urbana. Tímida, mas já presentes são identificados elementos como muros altos, grades nas esquadrias, cacos de vidro, grampos de ferro, esquadrias de ferro, dentre outros elementos.

Portanto, este artigo foi de fundamental importância para compreender a relação das edificações com seu entorno, levando em consideração a perspectiva dos habitantes em relação ao meio inserido, para compreender como a violência urbana interfere no cotidiano das pessoas e modificam suas edificações. Além de trazer a reflexão que o medo de fato transforma a paisagem urbana e o modo de habitar as cidades.

REFERÊNCIAS

Brasil. FUNDAJ. **O Nim Indiano: o bioprotetor natural.** Disponível em <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/destaques/observa-fundaj-itens/observa-fundaj/plantas-xerofilas/o-nim-indiano-o-bioprotetor-natural>. Acesso em dezembro, 2023.

BUORO, Andréa, SCHILLING, Flávia, SINGER, Helena e SOARES, Marina. **Violência urbana – Dilemas e Desafios.** Ed. Atual. São Paulo, SP, 1999.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da Violência.** Ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COSTA, Ivone Freire; BALESTRERI, Ricardo Brisolla. **Segurança Pública no Brasil: um campo de desafios.** Edufba, 2010.

FERREIRA, K.P. de S.; ARAÚJO, M.C.P.B.; CAVALCANTI, M.I.M.F. **Análise urbanística do bairro frei damião na cidade de pau dos ferros, rio grande do norte.** Anais IV CONAPESC... Campina Grande: Realize Editora, 2019.

FERREIRA, Kelvin Pablo De Souza *et al.*. **Análise urbanística do bairro frei da Damião na cidade de pau dos ferros, rio grande do norte.** Anais IV CONAPESC... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/56497>>. Acesso em: 21/08/2022 08:31. JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** Martins Fontes, São Paulo, 2000.

Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP). **Índice de Caminhabilidade – icam.** Disponível em <https://itdpbrasil.org/icam2/>. Acesso em julho, 2023.



KARPINSKI, Marcelo Trevisan. **Arquitetura contra o crime: prevenção, segurança e sustentabilidade**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

ORENSE, Marta Sánchez. **La fortificación y el arte militar em los tratados renascentistas: estudio lexicográfico**. Tese (Doutorado) – Universidade de Salamanca. Salamanca, 2012. 916p.

Organização das Nações Unidas (ONU). **Agenda 2030**. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em novembro, 2023.

PINHEIRO, Paulo Sérgio (org.). **Crime, violência e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCARLATO, Francisco Capuano e PONTIN, Joel Arnaldo. **O Ambiente Urbano**. São Paulo: Atual, 1999.

SOUZA. E.P.N. **Símbolo da Violência**: a nova face das residências unifamiliares, multifamiliares, comércio e serviços no espaço do bairro da Ponta Verde – Maceió/AL. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL, 2007. 150p.

TEIXEIRA, M.A.; NITSCHKE. R.G.; PAIVA, M.S. **Análise dos dados em pesquisa qualitativa: Um olhar para a proposta de Morse e Field**. *Rev. Rene*. Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 125-134, jul./set.